

Os ecos do silêncio da Acrópole

Resenha de Gláucia Dunley, *O silêncio da Acrópole – Freud e o trágico: uma ficção freudiana*, Rio de Janeiro, Forense / Fiocruz, 2001, 158 p.

A relação entre o trágico e a psicanálise, embora esteja presente desde a estruturação dos fundamentos desta última, através das recorrências de Freud às tragédias na elaboração de sua teoria, foi pouco explorada pelos estudiosos, na perspectiva de se averiguar as homologias existentes nesses dois campos. As referências às tragédias limitaram-se, na maior parte das vezes, a figurar como ilustrações de achados teóricos, sem que se avaliasse uma similaridade estrutural nas respectivas abordagens da condição humana.

A problematização da relação do homem com a felicidade, tomando em consideração as forças paradoxais que o movem, e a conseqüente reflexão ética que disso decorre, foi investigada por poucos autores, dentre os quais Lacan e Deleuze, citados no livro de Gláucia Dunley, *O silêncio da Acrópole*, articulando, de forma aguda, Freud e o trágico. O tema da tragédia nos é caríssimo por ser exemplar na empreitada de alargar o entendimento da peculiar proposição ética da psicanálise, dado que nela encontramos os fundamentos, tanto de sua construção teórico-clínica, quanto de sua intervenção na cultura.

Como sabemos, a ética, que implica uma reflexão sobre o agir humano, foi, na perspectiva da tradição filosófica, situada em relação a um ideal a se atingir. Entretanto, na abordagem psicanalítica, visa-se focalizar não um ideal, mas os impasses, os conflitos, e sobretudo a desmedida que vigora na relação do homem com sua ação.

O pensamento trágico, longe de se encaminhar para a apologia do homem e de seus feitos, revela o *pathos*, o espanto que surge na confrontação com o limite humano, confrontação com o limite do que pode ser visto ou sabido acerca da condição humana, ponto que pode ser designado pelo termo grego *Até*. Este termo, destacado por Lacan, designa o móbil da verdadeira ação trágica, que aponta para uma certa calamidade fundamental, frente à qual o herói, movido pelo desejo, não se detém, malgrado o risco que sua ultrapassagem comporta. Não se trata, para a psicanálise, de abordar esse limite enquanto um erro, um equívoco removível, conforme a acepção de Aristóteles. Trata-se de algo bem mais radical que isto, que intervém na tragédia e na psicanálise.

Em *O silêncio da Acrópole – Freud e o Trágico: uma ficção freudiana*, a autora nos convida para uma viagem no tempo. Visando delimitar um pensamento trágico na obra freudiana, toma para análise a experiência de Freud relatada no texto de 1936, "Uma perturbação da memória na Acrópole", e investiga com ousadia, rigor e profundidade as conseqüências da estranheza sentida pelo mestre quando de sua visita à Acrópole em 1904. Averigua minuciosamente as conseqüências dessa forte experiência de estranheza, através da particular retomada que ele faz desse episódio, neste texto acima citado, escrito em 1936. As declarações e a análise de Freud, trinta e dois anos depois do ocorrido, são utilizadas como fio condutor para uma reflexão acerca de seus efeitos na vida e na obra do mestre.

Os desdobramentos deste chamado *acontecimento* são avaliados a partir de uma con-

textualização histórico-social, produzindo além de uma interpretação da cultura que visa situar o surgimento da psicanálise, também uma análise da metapsicologia freudiana.

O conceito de pulsão, tal como desenvolvido a partir de 1905, vem expressar a intensidade do *pathos* freudiano, com sua impossível apreensão no campo da representação, sobretudo quando culmina, em 1920, com a formulação da pulsão de morte.

A autora interpreta os desdobramentos deste *acontecimento* como marco responsável pela reconfiguração do conceito de pulsão que, a partir de então, teria sido liberado de um contexto apenas representacional, para ser lançado no universo de uma força sem *apresentação*, indicada com a formulação do conceito de pulsão de morte. Será por referência ao conceito de pulsão que Gláucia situará a potência trágica no cerne da teoria psicanalítica.

Baseando-se na perspectiva de Hölderlin, que vê o trágico como a ferida que separa o humano do divino, a autora identifica a experiência de estranheza, sentida por Freud na Acrópole, como uma "experiência de desamparo radical" (p. 100). Tal desamparo é interpretado como sinal do ultrapassamento empre-

endido pelo mestre em relação a seu pai, causando-lhe, por decorrência, o luto do complexo paterno.

Como mencionei acima, a obra contribui ainda para promover uma contextualização histórico-social do surgimento da psicanálise, analisando sua emergência na passagem do século quando se apelava para a retomada de valores próprios à Antiguidade grega. Postula-se que Freud teria encontrado na Acrópole Grega sua verdadeira religião. A referência ao interdito situa-se como articulada com os desejos de incesto e parricídio, não pactuando com as leis das Escrituras, mas sim com a mitologia grega e o teatro trágico.

Todo o texto é tecido meticolosamente a fim de explorar a relação trágica entre desejo humano e lei divina, onde a obra freudiana apresenta-se como resposta sublimada do desejo incestuoso e parricida de Freud. Os recursos do saber mitológico implementam a força de argumentação do livro, de modo tal que mesmo aqueles que discordam das formulações propostas pela autora não podem deixar de conferir-lhe valor.

Nas palavras da autora:

"No texto da Acrópole, que toma aqui o sentido de uma elegia em prosa, Freud elabora o luto de um complexo paterno – pai, Deus, deuses, ideais como o saber e a felicidade –, iniciado em 1904, no silêncio da Acrópole. Neste silêncio onde pude escutar o tempo puro e o vazio da pulsão da morte" (p. 152).

A questão fundamentalmente destacada é que a psicanálise é proposta como um saber fundado no desamparo, bem para além de ter sido situada como ciência do determinismo psíquico. Na relação do homem com a felicidade intervem forças psíquicas paradoxais, que revelam os limites do princípio do prazer.

O aspecto mais positivo desse trabalho parece ser o fato de apresentar uma interpretação ousada e rigorosa, de aspectos da vida e da obra de Freud, sem cair em divagações imaginárias e inócuas. Muitas articulações originais são nele expostas com uma linguagem clara, mesmo quando expressa raciocínios complexos e conceitos de difícil apreensão, o que também lhe confere valor literário.

A referência a questões fundamentais da condição humana torna o livro atual em todos os tempos. Caberia apenas dizer que sua abordagem neste momento é oportuna na medida em que traz um questionamento fecundo do saber erigido pela racionalidade da ciência, toma-

do ainda como modelar em nossos tempos, onde o que vigora é a apologia da fantasia da qualidade total e a aspiração de objetivar o subjetivo.

Um trabalho que poderia cair na banalidade das *interpretações* acerca da vida do mestre apresenta aqui uma elaboração respeitosa e fecunda para transmitir um posicionamento ético fundamental para a compreensão da teoria e da clínica freudiana. Trata-se de uma obra tão bem elaborada que é difícil apontar-lhe deficiências.

Denise Maurano é psicanalista, membro do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, professora da UFJF-MG (Juiz de Fora) e autora de *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise*,